



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

GÊNEROS TEXTUAIS SOB UMA PERSPECTIVA DIGITAL

Anna Déborah Almeida de Assunção¹

FACOL – Faculdade Escritor Osman da Costa Lins

annadeborah_assuncao@hotmail.com

Severino Fernando da Rocha Junior²

UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco

prof.fernandorochajr@yahoo.com.br

RESUMO

Este estudo apresenta alguns pontos importantes para o processo de ensino-aprendizagem que viabiliza as práticas educativas atuais, sobretudo, para o ensino de Língua Portuguesa, auxiliada pelo uso de tecnologias e linguagens. Por meio de pesquisas bibliográficas foi realizado um apanhado de informações, sobre o uso de tecnologias na escola; o letramento digital; bem como, novas visões para o ler e escrever; os gêneros textuais tradicionais e digitais e a hipertextualidade. Além de algumas informações úteis para complementar a prática pedagógica dos docentes de línguas por meio dos gêneros digitais.

Palavras-chave: Hipertextualidade, Gêneros Digitais, Estratégias.

ABSTRACT

This study presents some important points for the teaching and learning process what enables the current practices educational, above all for study Portuguese Language, aided by use the technologies and languages. Through research bibliographic was achieving one caught the information's, on the use of technologies in school; the literacy digital; just like, news visions for the reading and writing; of textual genres traditional and digital and the hypertextuality. Beyond, at some useful information for to complete the pedagogical practice of teachers the languages through the digital genres.

Keywords: Hypertextuality, Digital Genres, Strategies.

¹Graduada em Letras/Espanhol pela FAFICA – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru. Pós-graduada em nível de Especialização: Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa, FACOL.

²Professor Orientador. Mestre em Ciências da Linguagem, UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco.



1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista a grande evolução tecnológica presente em nosso tempo e as mudanças que lhes são decorrentes, se faz necessário que no campo educacional também haja mudanças pertinentes para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça de maneira cada vez mais eficaz, e de acordo com as necessidades da vida moderna. A partir desta perspectiva, várias são as indagações acerca de como os profissionais da educação irão associar esses recursos tecnológicos à prática de ensino, e como essa nova contribuição pode influenciar de maneira positiva no processo de aprendizagem.

Partindo dessa ideia, a fundamentação teórica que parte desses pressupostos são principalmente os estudos de Marcuschi e Xavier (2010), Xavier (2011) e Lévy (2004), base para a elaboração deste estudo bibliográfico, bem como alguns artigos científicos que abordam essa mesma temática.

Este estudo tem como intenção abordar questões que dizem respeito ao uso tecnológico no âmbito educacional; a relação deste novo modelo a uma nova forma de letramento e aos novos gêneros textuais digitais; e a soma destes, associado ao chamado hipertexto, a fim de fomentar um trabalho docente voltado as novas práticas pedagógicas que conseqüentemente podem melhorar a qualidade de ensino.

2. O uso de tecnologias no mundo acadêmico

É certamente necessário e natural do ser humano buscar cada vez mais melhorias para o seu bem estar social e individual, e com isso surge a cada momento novos métodos, objetos, teorias, dentre outras coisas que de certa forma supre essa necessidade. A partir do contexto ao qual nos familiarizamos há alguns anos pode-se afirmar que uma das maiores invenções da nossa tida “era da informação”, como denominou Lévy, foi o computador e a internet. E a partir desses inventos há cada vez mais a provocação por mudanças no suporte leitura e escrita, do texto do papel ao texto digital, das folhas do livro para a tela do computador.



Então, como acompanhar e adequar o ensino a essa nova ferramenta tecnológica? Qual a sua relação, propriamente dita? O que de fato irá mudar no ler e escrever? Várias podem ser as perguntas. Mas o que de fato nos chama a atenção é de como o processo se desenvolveu até aqui, e por consequência buscar responder as tais perguntas de hoje.

Desde os tempos primórdios o homem sempre buscou uma forma de registrar o que acontecia a sua volta. E a cada fase histórica que passava iam-se construindo novas ferramentas para auxiliá-lo. De acordo com Coelho (apud SOARES, 2002, p.148):

Nos primórdios da história da escrita, o espaço de escrita foi a superfície de uma tabuinha de argila ou madeira ou a superfície polida de uma pedra; mais tarde, foi a superfície interna contínua de um rolo de papiro ou de pergaminho, que o escriba dividia em colunas; finalmente, com a descoberta de códice, foi, e é, a superfície bem delimitada da página – inicialmente de papiro, de pergaminho, finalmente a superfície branca da página de papel. Atualmente, com a escrita digital, surge este novo espaço de escrita: a tela do computador. (SOARES, 2002)

A partir daí percebe-se que o nosso contexto atual é basicamente voltado ao uso tecnológico, em que as crianças e adolescentes estão a cada dia mergulhando mais e mais, na busca principalmente de conhecimento/informação e interatividade. Isso porque segundo Marcuschi, (2010, p.13) “os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som”.

Com isso, o papel do docente deve estar voltado para o acompanhamento e adaptação desse suporte para as suas aulas, de forma a prender e/ou resgatar a atenção e participação do estudante, ou seja, aliar o novo ao que já é rotineiro a fim de criar um incentivo a mais.

Como diz Rodrigues em seu artigo: “Nesse sentido é fundamental que os docentes dominem o desenvolvimento de currículos e projetos pedagógicos em que as tecnologias da informação e da comunicação não sejam apenas ferramentas, mas recursos instituintes de novas formas de aprender e ensinar.” Claro que para o profissional trabalhar esse recurso tem-se que ter uma preparação adequada para essa finalidade, ou pelo menos, que haja um incentivo para se adentrar no universo tecnológico.

Várias são as contribuições dessas novas tecnologias para o ensino, dentre elas pode-se destacar a visão de Rodrigues (apud BARRETO, 2004, p.23):

Os novos meios abrem outras possibilidades para a educação, implicam desafios para o trabalho docente, com sua matéria e seus instrumentos, abrangendo o redimensionamento do ensino como um todo: da sua dimensão epistemológica aos procedimentos mais específicos, passando pelos modos de objetivação dos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

conteúdos, pelas questões metodológicas e pelas propostas de avaliação.
(BARRETO, 2004)

Em conformidade com essas tecnologias o ambiente educacional passa a se tornar mais próximo dos estudantes, deixando de ser tão rígido, pois irá aproximar o mundo real do virtual, ao qual eles já estão conectados. E para isso, o docente pode se apoiar nos chamados objetos de aprendizagem ou recursos digitais de aprendizagem, como por exemplo: vídeos, jogos, e-mails, chats, redes de comunicação, internet, história em quadrinhos, entre outros que podem dar subsídio ao conteúdo trabalhado em sala, de maneira lúdica e variado.

Com isso, é de suma importância que o docente esteja preparado para lidar com essas novas práticas, subsidiadas pelos recursos de aprendizagem, porque cada situação exigirá uma estratégia diferente. E para que isso se torne algo efetivo nas escolas, surge à necessidade de adequação a linguagem digital, ao qual se denominou de Letramento Digital.

3. Letramento Digital: adaptações no ler e escrever

Com o avanço cada vez mais significativo dos meios de comunicação e com a evolução propriamente dita das novas tecnologias surgiu à necessidade de adequação da linguagem a esse novo contexto. E para isso denominou-se o Letramento Digital como forte mediador de entendimento e/ou interpretação de imagens, textos, palavras, ou qualquer tipo de símbolo que represente ou tenha um determinado significado/sentido.

Sabe-se que no espaço virtual várias são as formas de comunicação, bem como as práticas de leitura e escrita que venham a ser utilizadas pelo usuário, então é imprescindível o conhecimento sobre o que de fato venha a ser o Letramento Digital para que possa se adequar da melhor forma possível a esse novo contexto. Nessa perspectiva Rodrigues diz que “em suma, o letramento digital pode ser considerado como algo que designa o estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos ou grupos sociais letrados digitalmente.” E que “o letramento digital possibilita que o indivíduo veja além dos limites do código, pois alguém que é letrado digitalmente reconhece e relaciona textos falados ou escritos e através disso também cria inferências.” Com isso é válido dizer que, as pessoas que se adentram ao mundo tecnológico têm que se familiarizar não só com os novos recursos que lhes são oferecidos, mais principalmente com a linguagem que lhe é proposta,



para que assim haja a socialização entre os usuários e a compreensão dos textos que lhes são fornecidos.

E para isso, também se faz necessário uma prática de leitura e escrita diferente da qual é rotineira, como afirma Xavier (2011), “ser um indivíduo letrado digitalmente pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos as formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela -, também digital”.

A internet e todos os outros recursos que compõem e fornecem subsídios a este potencial estão em constante mudança, e pela sua vastidão e importância acaba por influenciar mudanças também na leitura e escrita da atualidade e emergem em um novo ambiente, e por consequência implica em novos tipos de gêneros peculiar dos ambientes digitais.

4. Gêneros Digitais e a Hipertextualidade

Como pressuposto para o caminho da Hipertextualidade e compreensão das mudanças ocasionadas por ela se faz necessário que antes haja um breve estudo e conceituação de termos básicos e que lhe são pertinentes, como por exemplo, o texto. Que para Coelho (apud GUIMARÃES, 1992) conceitua-o:

Como um enunciado oral e escrito, de extensão variável, que pode reportar tanto a um enunciado único, quanto a um segmento de grandes proporções. Nesta perspectiva, uma frase, um provérbio, um poema, um romance são considerados textos, assim como determinadas palavras como “Fogo!”, “Silêncio!” quando situadas em certos contextos específicos. (GUIMARÃES, 1992)

Já por esse conceito pode-se perceber que o texto é um complexo de palavras e termos que juntos formam um sentido completo de alguma informação, ou ainda, que o texto é um produto do pensamento e uma organização das ideias que ali se origina.

Para tanto, conceituar o que seria o gênero textual também é de suma importância, pois exerce um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Marcuschi (2010) se refere aos gêneros textuais para se referir aos textos materializados, encontrados no cotidiano e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais,



estilo e composição característica. Com isso, pode-se dizer que os gêneros textuais de fato possuem particulares e exercem funções específicas, de acordo com a sua funcionalidade e interatividade.

Cabe ressaltar que o texto impresso de certa forma demonstra características que o distingue do hipertexto, pois o primeiro possui uma estrutura definida, ou seja, não pode ser lido linearmente e nem tão pouco da direita para esquerda, já o segundo, proporciona melhor autonomia e versatilidade na hora da leitura. Como Lévy (2004), afirma que, “no hipertexto a escrita e a leitura acontecem de forma multilinear e multi-sequencial. Possui a dimensão que o leitor lhe der: o começo e o fim são determinados pelo leitor por meio de um clique na primeira tela e um clique quando o leitor se sentir satisfeito ou considerar suficientemente informado”.

A partir desse breve panorama acerca de alguns conceitos fundamentais para o estudo em questão volta-se o olhar para o hipertexto.

4.1. Do Texto ao Hipertexto

O surgimento do termo hipertexto veio nos anos sessenta, com Theodor Holm Nelson, a partir de uma proposta para um projeto, no qual o denominou como um tipo de texto eletrônico, a uma nova tecnologia informativa. Contudo sua definição ainda não foi estabelecida, ao que se sabe alguns pesquisadores da área expuseram seus próprios conceitos. No entanto, a definição de Xavier (2010) é a que se apresenta estar mais perto e de acordo com o proposto nesse estudo, do qual o hipertexto pode ser considerado como “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade”. E ainda fala sobre a sua vastidão textual, pois apresenta não só as palavras mais também imagens e/ou signos, ou seja, sua pluritextualidade. O autor menciona que é uma novidade fascinante do hipertexto por viabilizar a absorção de diferentes aportes sógnicos numa mesma superfície de leitura, tais como palavras, ícones animados, efeitos sonoros, diagramas e tabelas tridimensionais.

Entretanto, o hipertexto não se deve ser confundido como um gênero especificamente, como afirma Marcuschi (2010) “também o hipertexto não pode ser tratado como um gênero e sim como um modo de produção textual que pode estender-se a todos os gêneros dando-lhes neste caso algumas propriedades específicas”.



Em suma, o valor do hipertexto para o usuário/estudante, professor, investigador, pesquisador, é que sem dúvida pode-se articular várias áreas do saber através dele, por meio do qual se tem acesso a uma grande variedade de textos que tratem de uma mesma temática, ou ainda que estejam interligados por alguns conceitos, neste caso os chamados hiperlinks, que são o elo entre os textos eletrônicos, facilitando o processo de assimilação de conteúdos, aprofundando, investigando e esquematizando ideias e potencializando saberes diversos.

Além disso, o hipertexto apresenta uma diversificação de efeitos que o completam, forma não verbal, por meio do qual há uma interação mais expressiva, por exemplo, do que em um texto impresso, resultando em certas curiosidades, dinamismos e despertando interesse em todas as pessoas que o utilizam. Por isso, se diz que o hipertexto é flexível e variável e que exige do leitor saberes múltiplos, por que ativam em nosso pensamento várias formas textuais ao mesmo tempo, e se tem a necessidade de adequação da linguagem, uma vez que, pode ser verbal e não verbal, gerando novos conhecimentos para a prática de leitura e escrita, ocasionando assim ao que já foi apresentado, o letramento digital.

4.2. Gêneros Digitais: evolução dos gêneros textuais

Ao se tomar nota do que se trata o gênero textual de forma geral, sobretudo as particularidades, a classificação e identificação, um elemento fundamental e necessário é partir do princípio de análise do ambiente em que ele ocorre, para que assim possa caracterizá-lo e compreendê-lo, ou seja, a partir do uso.

O ambiente da internet proporciona uma diversidade de gêneros textuais ao qual se denominou de gêneros emergentes. E é por essa variedade de gêneros que existem atualmente, como diz Rodrigues em seu artigo, “não é possível caracterizar como somente um gênero textual todas as formas de textos que encontramos na web, justamente porque as intenções dos usuários e as próprias possibilidades de interação são inúmeras, além de que essas não são as mesmas nos chats, blogs, fóruns, e listas de discussão, etc”. Por meio do qual, pode-se ainda acrescentar no apontamento de características oriundos desta tipologia de gêneros, além do seu uso, a sua função de se exercer como instrumento de comunicação e interação.



Partindo destes pressupostos vale destacar que a internet se apresenta como um ambiente heterogêneo, assim sendo, tem-se vários ambientes dessa rede que possuem características próprias que servem justamente para o surgimento de gêneros desse meio. Sobre os ambientes virtuais e os ambientes digitais, RODRIGUES afirma:

..., é possível destacar a rede web, conhecida também como www; os ambientes de e-mails, como os programas de correio eletrônico ou sites que oferecem esse serviço; programas de conversas instantâneas ou salas de bate-papo; ambientes de videoconferências; comunidades virtuais, como o site Orkut; fóruns de discussão e redes sociais, isto é, os sites que permitem a criação de uma rede de relacionamento como o Twitter e o Facebook.

Esses são alguns dos tipos ambientes virtuais que dão origem aos diversos gêneros digitais que temos hoje.

Agora partindo para a noção de gênero digital, Barbosa (apud MARCUSCHI, 2002) diz que se apresenta por “três aspectos relevantes: o primeiro, o uso cada vez mais generalizado desse gênero; segundo, às suas peculiaridades formais e funcionais; e terceiro, à necessidade de que se revejam alguns conceitos, tais como os de oralidade e escrita”. Ambos já mencionados em subtítulos anteriores, mais que pode ainda ser acrescentado, o que para Marcuschi (2010), “no contexto virtual, os gêneros emergentes nos permitem trabalhar a oralidade e a escrita bem como os gêneros textuais tradicionais utilizados na escola, visto que os mesmos se apresentam como uma evolução dos gêneros digitais”.

Com isso o autor aponta que esses gêneros surgiram a partir da evolução tecnológica, e por consequência da evolução também da oralidade e da escrita, ou seja, o que antes era uma carta (comunicação manuscrita³), na nossa era da informação veio a ser o *e-mail* (correio eletrônico; para envio e recebimento de mensagens⁴). Esses gêneros digitais nada mais são do que a evolução dos gêneros textuais tradicionais, proporcionados por meio da criação de novos ambientes de comunicação/informação, os ambientes virtuais.

No entanto, como diz Barbosa (2012), “esses novos gêneros foram configurados para um discurso eletrônico e, desta forma, apresentam características particulares e próprias da mediação presente na mídia virtual”. Para tanto, fomentar uma discussão acerca de como se trabalhar em sala

³ Carta – Origem: Dicionário Escolar, p. 174 (CEGALLA, Domingos Paschoal. Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.).

⁴ *E-mail* – Origem: Dicionário Escolar, p. 331 (CEGALLA, Domingos Paschoal. Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.).



essa nova tipologia textual e de acordo com os ambientes que lhes são cabíveis torna-se quase que essencial para os pesquisadores, professores e curiosos da área de linguagens.

5. Estratégias metodológicas para trabalhar em sala de aula

O sistema educacional ao qual estamos inseridos atualmente está em constante transformação, buscando cada vez mais aproximar o processo ensino-aprendizagem das melhorias que surgem a cada dia em nosso contexto social. O grande avanço tecnológico traz consigo, uma variedade de mecanismos, suportes, aparelhos, aplicativos, com o objetivo de auxiliar. Como afirma Barbosa, “a expansão da informática e a popularidade crescente da internet possibilitaram o surgimento de novas formas de comunicação entre as pessoas ao redor do mundo, proporcionando a emergência de novas tecnologias de informação e de comunicação instantânea mediada por computador”. E com isso, surgem frequentemente alguns questionamentos, no que diz respeito a como de fato trazer esses recursos para as aulas, de Língua Portuguesa, e a demanda de gêneros, tipos de textos, formais ou informais, verbais ou não verbais, expressões que surgem a cada período de tempo, novas formas de comunicação e de obtenção de informações, entre outras coisas.

Em seu artigo, Lais fala que “a escola assume um papel fundamental, no mundo de hoje, por isso mesmo precisa estar mais do que nunca bem informada sobre as questões das mudanças que passam a sociedade”. E que, além disso, há a exigência de que as pessoas sejam mais comunicativas e criativas. E ainda acrescenta que, “a escola deve aproveitar a competência comunicativa dos adolescentes que usam bem os gêneros digitais disponíveis na rede virtual para transformá-los em bons produtores de gêneros textuais valorizados na sala de aula e no mundo real”.

Sabe-se, pois que os estudantes estão cada vez mais imersos no mundo digital e utilizam de maneira criativa e peculiar, ou seja, apresentam na maioria das vezes estarem mais próximos e mais a vontade do que os próprios educadores, por exemplo. Diante dessa realidade, como diz Lais, cabe ao educador “estender o uso dos meios de comunicação de casa até a escola, assim nela, os alunos podem ter a satisfação de aprender, utilizando-se dos mais variados recursos”. Com isso, pode-se assegurar ao educador que busque relacionar a realidade de seus alunos à realidade escolar, por que também não adianta trabalhar de maneira tão tecnológica e eles não estarem prontos para essa situação específica, tem-se que manter um equilíbrio para cada realidade.



No entanto, a escola pode não dispor de equipamentos adequados para essa prática e nem tão pouco os estudantes, e nem por isso se pode deixar de trabalhar os gêneros digitais. Para isso Marcuschi (2010) afirma que a “resposta já está nos novos manuais didáticos do ensino fundamental que trazem reflexões sobre e-mail, blog, chat e outros gêneros”. Então mesmo não dispondo da aula prática, se tem os livros que já tratam desta temática, de modo a trabalhar a análise e a produção textual.

Sobre os gêneros digitais e a escola Lais (apud XAVIER, 2005) ainda acrescenta:

Estes são gêneros emergentes que poderiam ser bastante explorado na e pela escola. Os professores de língua portuguesa poderiam utilizar esses gêneros digitais para dinamizar suas aulas de produção textual. A mudança de ambiente da sala de aula para o laboratório de informática, e a descoberta das características e potencialidades de desenvolvimento retórico-argumentativo poderiam tornar a aula de português mais empolgante e atraente. A participação constante dos alunos tende a ampliar sua capacidade de argumentar sobre temas diversos, levando-os a aprender a refletir dialeticamente sobre as diversas opiniões e construir sua própria síntese sobre as questões em discussão. (...) Desta forma, os gêneros digitais são megaferramenta para desenvolver nos aprendizes a necessária habilidade de construir pontos de vista e defendê-los convincentemente.

Não vamos competir com os recursos tecnológicos vamos utilizá-los a nosso favor. Há uma grande variedade de programas que podem ser trabalhados em sala, alguns exemplos são: o “msn”, gênero que permite maior dinamicidade e pode servir como um recurso que auxilia na rapidez de raciocínio, leitura e escrita; o blog, uma ferramenta que pode ser trabalhada a leitura e a escrita, além de leituras críticas, ajuda na divulgação de ideias e informações sobre os mais variados temas; o e-mail, recurso utilizado para envio e recebimento de mensagens (texto), e que ainda podem conter fotos, vídeos e músicas; o chat, ou ainda, sala de bate-papo, é um gênero textual utilizado para comunicação entre duas pessoas ou grupos de pessoas.

Todos esses tipos apresentados entre outros podem se trabalhados em sala e/ou auxiliar algum conteúdo específico, não só nas aulas de Língua Portuguesa, bem como por meio da interdisciplinaridade com demais disciplinas que precisem desse suporte. Conteúdos como: entrevistas, resultados de pesquisa, produção textual realizada em sala (poemas, artigos de opinião, texto argumentativo, dissertativo, etc), vídeos (curta metragem), fotos, músicas, podem ser divulgadas a partir de blogs, por exemplo. Nas aulas de Língua Estrangeira, utilizar o chat ou msn para conversação na língua estudada. Para enviar links, fotos, textos complementares, em anexo, pode-se utilizar o e-mail. E assim sucessivamente, interligando o ambiente escolar ao ambiente virtual.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou apresentar um breve panorama acerca de como se desenvolveu o uso de tecnologias no âmbito escolar, bem como suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem; a necessidade de adequação da oralidade e escrita a esses novos recursos, e analisar o decurso dos gêneros textuais até os gêneros digitais ou emergentes; e explicar e relacionar o hipertexto a nossa era da informação, com a meta de tecer estratégias que auxiliem na prática pedagógica da atualidade.

Sob essas concepções e ideias apresentadas é possível construir estratégias consolidadas nos componentes básicos que regem a educação de Língua Portuguesa, no caso, interligada as linguagens e tecnologias para a criação de novas metodologias de acordo com as necessidades atuais. E que haja a aproximação desses recursos ao que já é rotineiro dos estudantes, a fim de promover maior integração e sociabilidade, formando bons produtores de gêneros e acima de tudo pessoas críticas e protagonistas da sociedade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Fernanda M.. A emergência de novos gêneros textuais na era digital. Revista do Curso de Letras da UNIABEU. Nilópolis, v.3, Número 1 B, jan.- abr. 2012. Disponível em: http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/view/289/pdf_183. Acessado em: 30 ago. 2015.

BRITO, Francisca Francione Vieira de.; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. Gênero digital: a multimodalidade ressignificando o ler/escrever. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 38, n.64, p. 293-309, jan./jun. 2013.
Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/3456>. Acessado 06 set. 2015.

COELHO, Lenir de Jesus Barcelos. A leitura e a escrita no hipertexto digital como práticas sociais: reflexões a partir da perspectiva do letramento. Revista Ícone, volume 11. Janeiro de 2013.
Disponível em: <http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume11/ALEITURAEAESCRITANOHIPERTEXTODIGITALCOMOPRATICASSOCIAISREFLEXOESAPARTIRDAPERSPECTIVADOLETRAMENTO.pdf>. Acessado em: 06 set. 2015.



FACHINETTO, Eliane Arbusti. O hipertexto e as práticas de leitura. Revista Letra Magna, - ano 02 – n.03 – 2º semestre de 2005.

Disponível em: http://www.letramagna.com/eliane_arbusti_fachinetto.pdf . Acessado em: 06 set. 2015.

FERRAZ, Flávia Sílvia Machado. Gêneros digitais e a hipertextualidade. Revista do GEL, São Paulo, v.7, n.1, p.127-144, 2010.

Disponível em: <http://revistadogel.gel.org.br/rg/article/viewFile/84/64>. Acessado em: 30 ago. 2015.

LAIS, Cláudia. O uso dos gêneros digitais em sala de aula. I Simpósio Regional de Educação/Comunicação.

Disponível em: <http://revistadogel.gel.org.br/rg/article/viewFile/84/64>. Acessado em: 10 set. 2015.

LEFFA, Vilson J.; CASTRO, Rafael Vetromille. Texto, hipertexto e interatividade. Ver. Est. Ling. Belo Horizonte. v.16, n.2, p.166 – 192, jul. /dez., 2008.

Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2497>. Acessado em: 10 set. 2015.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1994. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2004.

Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2015/03/LEVY-Pierre-1998-Tecnologias-da-Intelig%C3%Aancia.pdf>. Acessado em: 15 ago. 2015.

MAGNABOSCO, Gislaine Garcia. Hipertexto e gêneros digitais: modificações no ler e escrever?. *Conjectura*, v.14, n.2, mai/ago.2009.

Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/14/13>. Acessado em: 30 ago. 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio.; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (orgs.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.

RIBEIRO, Ana Elisa. Leituras sobre hipertexto: trilhas para o pesquisador. Trabalho apresentado no GT Hipertexto: que texto é esse?, no XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística, Uberlândia, nov. 2006. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nehete/artigos/Leituras%20sobre%20hipertexto.pdf>. Acessado em: 11 set. 2015.

RODRIGUES, Gisele dos Santos. Novas tecnologias, letramento e gêneros textuais digitais: interatividade no ensino de línguas. Disponível em: http://www.uniritter.edu.br/eventos/sepesq/vi_sepesq/arquivosPDF/27582/2335/com_identificacao/artigo_autor.pdf. Acessado em: 25 ago. 2015.

SILVA, Nadiana Lima da.; MACIEL, Dayse dos Santos.; ALCOFORADO, Aline Guedes. Hipertexto em sala de aula: um caminho para a interdisciplinaridade?.

Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume1/artigo12-nadiana-dayse-aline.pdf>. Acessado em: 02 ago. 2015.

XAVIER, Antônio Carlos... [et al.]. Hipertexto e cibercultura: links com literatura, publicidade, plágio e redes sociais. São Paulo: Respel, 2011.